

# A simbologia sagrada nas alturas: honra a Trindade e honra a Maria

## The sacred symbology in the heights: honor the Trinity and honor Mary

**Maria de Fátima Oliveira<sup>1</sup>**

**Jean Carlos Vieira Santos<sup>2</sup>**

**Sirlene Alves da Silva<sup>3</sup>**

**Hailla Fernanda Ribeiro Ferreira Rombauer<sup>4</sup>**

### Resumo

A pesquisa aqui apresentada analisa a romaria em louvor a Santíssima Trindade dos Pireneus, um evento do catolicismo popular que acontece há quase um século na região da Serra dos Pireneus, cerca de 20 quilômetros da cidade de Pirenópolis, Goiás. Aponta a romaria como acontecimento de iniciativa do devoto Christóvam José de Oliveira com a aprovação da Igreja e os acontecimentos que referenciam a festa como legado para a família do criador e para outros devotos. Trata das edificações dos espaços sagrados, suas finalidades e as transformações no percurso da festa. Aborda a importância do Morro dos Pireneus e o mito criador para a instituição da romaria. Destaca a Santíssima Trindade e Nossa Senhora D'Abadia – enquanto santidades homenageadas na Festa dos Pireneus – bem como a história e aquisição das respectivas imagens, objetivando compreender as simbologias relacionadas aos aspectos que envolvem o sagrado manifestado nas elevações que compõem o espaço festivo.

### Palavras-chave

Romaria em louvor a Santíssima Trindade. Morro dos Pireneus. Espaços sagrados. Simbologia.

### Abstract

The research presented here highlighted the pilgrimage in honor of the Santíssima Trindade dos Pireneus, an event of popular Catholicism that has been taking place for almost a century, in the Serra dos Pireneus region, about 20 kilometers from the city of Pirenópolis, Goiás. He pointed out the pilgrimage as an event on the initiative of Christóvam José de Oliveira with the approval of the Church and the events that refer to the festival as a legacy for the family of the creator and for other devotees. It dealt with the buildings of sacred spaces, their purposes and the transformations in the course of the festival. He addressed the importance of Morro dos Pireneus and the creator myth for the institution of the pilgrimage. He highlighted the Santíssima Trindade and Nossa Senhora D'Abadia as sanctities honored at the Feast in Praise of the Pireneus, as well as the history and acquisition of the respective images. Aiming to understand the symbologies

---

<sup>1</sup> Doutora e mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia Bernardo Sayão (FFBS). Pós-doutorado em História pela UFG. Professora do Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Contato: [fatima.oliveira@ueg.br](mailto:fatima.oliveira@ueg.br).

<sup>2</sup> Doutor e mestre em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Licenciado em Geografia pela UFU. Pós-doutorado em Turismo pela Universidade do Algarve (UAIG). Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Contato: [jean.vieira@ueg.br](mailto:jean.vieira@ueg.br).

<sup>3</sup> Mestre em Ciências Sociais e Humanidades pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Especialista em Capacitação para Professor do Ensino Médio em Ciências da Natureza pela Universidade de Brasília (UnB). Licenciada em Biologia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Professora da Secretaria de Educação do Estado de Goiás (SEDUC). Contato: [sirlecorum@gmail.com](mailto:sirlecorum@gmail.com).

<sup>4</sup> Mestranda em Ciências Sociais e Humanidades pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Especialista em Gestão e Química do Meio Ambiente pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Licenciada em Biologia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Professora da Secretaria de Educação do Estado de Goiás (SEDUC). Contato: [professora.hailla@gmail.com](mailto:professora.hailla@gmail.com).

related to the aspects that involve the sacred manifested in the elevations that make up the festive space.

**Keywords**

Pilgrimage in praise of the Holy Trinity. Mountain of the Pireneus. Sacred spaces. Symbology.

**INTRODUÇÃO**

A cidade de Pirenópolis, situada no leste do estado de Goiás, é marcada por diversos acontecimentos que dão identidade às manifestações históricas e culturais da localidade. Muitas festividades relacionadas ao catolicismo popular estão entrelaçadas a esta cultura, dentre as quais merece destaque a romaria em louvor à Santíssima Trindade dos Pireneus, que emerge como evento expressivo cultural e religioso do município.

No contexto desta expressividade, entendemos a romaria, que acontece todos os anos há quase um século, no período de lua cheia do mês de julho na Serra dos Pireneus, cerca de 20 quilômetros da cidade – onde está situado o Morro dos Pireneus, o segundo ponto mais alto do estado – como um acontecimento que se tornou tradição a partir da sua importância para os devotos e demais partícipes, o que se imprime no espaço de realização da festa, uma organização social iniciada a partir da manifestação do sagrado.

Primordialmente, a romaria em louvor à Santíssima Trindade dos Pireneus enaltece o sagrado, e, neste sentido, de acordo com Eliade (1992, p. 47), “o religioso sente necessidade de mergulhar por vezes nesse tempo sagrado e indestrutível”. O ciclo festivo que é composto por uma sequência de ritualidades, tem no período de culminância, no plenilúnio de julho, um momento marcante, no qual um grupo de fiéis reunidos parte em procissão da cidade até o morro carregando o andor com a imagem da Santíssima Trindade, um ato de devoção e fé (Fotografia 1). Ali são recepcionados por outros romeiros que aguardam acampados aos pés do morro.

FOTOGRAFIA 1 – SUBIDA DOS ROMEIROS COM A IMAGEM DA SANTÍSSIMA TRINDADE



Fonte: Acervo pessoal de Alexandre Francisco de Oliveira.

É imprescindível enfatizar que a expressão da religiosidade frente ao sagrado provoca a aproximação, a movimentação e a reafirmação da fé de um grupo devocional. Seguindo a perspectiva, Araújo (2009) aponta que

o caminhar dos devotos se traduz em convite aberto à construção de relações interpessoais mais humanas para todos que não temem a arte do encontro e da desconstrução de paradigmas sociais que não estejam mais a serviço da vida, da liberdade e da realização da pessoa humana na contemporaneidade (ARAÚJO, 2009, p. 62).

As romarias são, portanto, vivências da religiosidade, na qual territórios e festejos estão envolvidos por simbolismos sagrados, através de ritos que dão sentido à busca e o direcionamento aos santuários, o que é significativo para cada devoto. Destarte, soma salientar que:

As romarias enquanto eventos religiosos encerram em si “um sentido de busca” na medida em que se constituem ritos de passagem do comum para o extraordinário, do cotidiano para o excepcional. Embora se revistam de um caráter individual – já que cada peregrino refere-se a motivações de foro íntimo, não se trata de trajetória percorrida por indivíduos isolados, mas do universo simbólico criado coletivamente como reflexo de processos sociais mais abrangentes, na medida em que a experiência religiosa da romaria se fundamenta em “princípios introjetados, levando o indivíduo a adotar, juntamente com o grupo do qual faz parte, um universo de simbologias, cujos sentidos direcionam formas de viver e entender o mundo”. (CORDEIRO, 2008, p. 3).

No tocante à romaria em louvor à Santíssima Trindade dos Pireneus, observamos que o simbolismo presente nas ritualidades e no espaço de realização da festa tem significados importantes. A demarcação do sagrado ao abranger as áreas mais elevadas remete à dimensão sagrada dos montes e montanhas, que antes de ser uma formação física, são um símbolos de elevação espiritual. Sobre tal contexto, encontra-se delineada a investigação realizada, destacando como objetivo em evidência compreender a simbologia do Morro dos Pireneus e o mito criador para a instituição da romaria, adotando como foco de análise a romaria em louvor à Santíssima Trindade dos Pireneus.

## **1 ROMARIA EM LOUVOR À SANTÍSSIMA TRINDADE DOS PIRENEUS: BREVE HISTÓRICO**

A romaria em louvor à Santíssima Trindade dos Pireneus, também conhecida como Festa do Morro ou Festa da Lua, foi criada pelo pirenopolino Christóvam José de Oliveira, antigo proprietário das terras que compreende a região e tem seu mito de origem ligado a um acontecimento ocorrido com o seu fundador.

De acordo com as informações dos familiares de Christóvam José de Oliveira, este, ao campear pela região, foi surpreendido por uma grande tempestade, e ao solicitar proteção divina, sobreviveu ileso após a forte chuva. Dessa forma, Christóvam vê o ocorrido como um milagre e o associa a semelhança dos três picos às três pessoas da Trindade Santa, e em agradecimento, funda a romaria. “O mito é pois a história do que passou [...]. ‘Dizer’ um mito é proclamar o que

se passou *ab origime*. Uma vez ‘dito’, quer dizer, revelado, o mito torna-se verdade apodítica: funda a verdade absoluta” (ELIADE, 1992, p. 84).

O fato é que a história da criação da romaria em honra à Santíssima Trindade, além do voto, estava também na devoção e no gosto de Christóvam pelo Morro dos Pireneus. A admiração pela natureza, o encantamento pelos três picos e a religiosidade foram fatores entrelaçados na iniciação da festa. “Do alto dos Pireneus Cristóvão José de Oliveira medita sobre as pequenas coisas do mundo” (O CRUZEIRO, 1949, p. 40). Portanto, Jayme e Jaime (2002) contam que a primeira missa rezada no pico mais elevado (Fotografia 2) foi celebrada com um altar provisório no dia 19 de julho de 1927, pelo vigário de Pirenópolis na época, padre Santiago Uchoa. Ainda, segundo os autores, na condição histórica, a celebração representou um marco importante, por ter sido a primeira a ser em tal altitude ao ar livre no Brasil (1.385 metros).

FOTOGRAFIA 2 – PRIMEIRA MISSA REZADA NOS PIRENEUS



Fonte: Acervo da família Oliveira (1927).

Para o acontecimento da primeira missa nos Pireneus, provavelmente houve muitas negociações, a mais especial deve ter sido organizada com a Igreja, pois um padre era fundamental para a ocasião. Mas havia ainda a necessidade de testemunhas que dessem credibilidade à nova festa que estava sendo iniciada. Segundo Jayme e Jaime (2002, p. 77), o feito contou com a “assistência de trinta e cinco pessoas”, e ao nomeá-las, é possível constatar que se tratava de representantes das mais tradicionais famílias pirenopolinas, conforme estudo genealógico de Jayme (1973), o que reforça a influência social de Christóvam em Pirenópolis na época. “Na ocasião da primeira missa, por sugestão de Cristóvão José de Oliveira, aceito por todos, inclusive pelo padre Vigário, ficou resolvido que a festa em homenagem à Santíssima Trindade se realizasse, sempre, no plenilúnio de julho” (JAYME; JAIME, 2002, p. 77).

Numa explicação teológica da fé católica, a imagem da Santíssima Trindade, um só Deus em três pessoas, é representada pela figura imaginária do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Firmada pelas palavras do padre Augusto Gonçalves Pereira, pároco atual da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, durante uma entrevista contida em Silva (2020, p. 60): “Pai que é Deus, o Filho que é Deus e o Espírito Santo que é Deus. A Santíssima Trindade representa um só Deus em três pessoas com naturezas distintas, sendo representada na imagem com a figura do ancião

de muitos dias, como o Pai, de Jesus como o filho e do pombo como o Espírito Santo”. Sobre a divindade da Trindade, Brandão afirma que:

O modelo das diferenças do catolicismo popular é dado pelo paradigma do próprio corpo sagrado dos seres da Santíssima Trindade. Esta divindade única, popularmente decomposta em três pessoas distintas que amorosamente interagem, desdobra-se em três sujeitos celestiais cuja figura corpórea é percebida entre muitas diferenças, quando uma é comparada com a outra. Assim, o *Pai* é, dos três, o mais identificado com “o Deus todo poderoso”. Ele, de modo geral, é representado em imagens populares como uma figura humana cujo corpo, no entanto, não é muito retratado. Muito menos que “o Filho”, raras as suas imagens. Nessas imagens, ele é um velho de longas barbas e cabelos brancos, suave e algo estático, ladeado pelo *Filho* e pelo *Espírito Santo* (BRANDÃO, 2009, p. 16, grifos do autor).

A imagem do Divino Pai Eterno também apresenta a Trindade santa com a representação do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Nesta, a figura da mãe de Jesus, representada por uma mulher ajoelhada sendo coroada, também compõe a imagem. Completa o padre Augusto Gonçalves Pereira: “não podemos entender Jesus homem, na natureza humana, sem a presença de Nossa Senhora. Estar de joelho, Nossa Senhora se mostra como serva do Senhor. Ajoelhar é um ato de total entrega” (SILVA, 2020, p. 60).

Como objeto representativo e também simbólico, para demarcação do espaço sagrado, após a inserção da romaria foi edificado um cruzeiro no pico principal.

[...] foi feito, de um pau a que denominam “vassourinha”, o primeiro cruzeiro que, conduzido por dois devotos, se enfiou naquelas alturas históricas, no dia 24 de junho 1928. Dita cruz, devidamente oleada, bem como a mesa em que se rezaram as cinco primeiras missas, encontravam-se guardadas por descendentes do fundador da bonita romaria, falecido a 24.3.1969. Ainda estarão? (JAYME; JAIME, 2002, p. 77).

O questionamento no final da citação parece irônico, mas na verdade, teve a intenção de demonstrar a disputa pela posse dos bens, bem como das obras do antigo dono naquela região. Segundo o que contam os antigos romeiros, após a morte de Christóvam, misteriosamente materiais sacros e donativos desapareciam das capelas. Sob o aspecto da demarcação ou conquista de território ou a tomada de posse de terras incultas, Eliade (1992) afirma:

instalando-se, o homem transforma-o simbolicamente em cosmos mediante a uma repetição da cosmogonia. O que deve se tornar o “nosso mundo”, deve ser “criado” previamente. [...] A ereção da cruz equivalia à consagração da região e, portanto, de certo modo, a um “novo nascimento” (ELIADE, 1992, p. 34-35).

Ainda conforme Jayme e Jaime (2002), o cruzeiro (Fotografia 3) que lá se encontra fixado, foi erigido no ano de 1929. No dia 6 de abril, foi cravada a cruz no pico mais alto e, no dia 7, nos dois picos mais baixos em homenagem às três pessoas da Trindade.

FOTOGRAFIA 3 – EDIFICAÇÃO DO CRUZEIRO NO PICO DOS PIRENEUS



Fonte: Acervo da família Oliveira (1929).

No mesmo ano, 1929, foi esculpida pela pirenopolina, senhora Natércia de Siqueira, a imagem da Santíssima Trindade (Fotografia 4) para ser venerada naquele cume.

FOTOGRAFIA 4 – IMAGEM DA SANTÍSSIMA TRINDADE ESCULPIDA DA RAIZ DA UMBELA



Fonte: Jayme e Jaime (2002, p. 78).

O orago foi esculpido da raiz de uma árvore macia chamada umbela (*Schizolobium parahyba*),<sup>5</sup> plantada pelo próprio Christóvam.

## 2 A SIMBOLOGIA ENTRE A SANTÍSSIMA TRINDADE E O MORRO DOS PIRENEUS

A romaria em louvor à Santíssima Trindade dos Pireneus apresenta uma simbologia ligada à característica geográfica do local, definida pelas elevações de morros e emoldurada pela paisagem do cerrado, que durante a realização do festejo se enaltece pela vegetação marcante,

---

<sup>5</sup> Espécies com distribuição predominantemente tropical, principalmente na América do Sul, de madeira mole e crescimento muito rápido. Por sua leveza, é muito utilizada para construção de canoas com outras utilidades. Disponível em: <https://www.globaltree.com.br/guapuruvu.html>. Acesso em: 28 fev. 2020.

com um céu claro e reluzente, onde o pôr do sol (Fotografia 5) e o nascer da lua cheia (Fotografia 6) forma um espetáculo.

FOTOGRAFIA 5 – PÔR DO SOL NO MORRO DOS PIRENEUS



Fonte: Acervo pessoal de João Guilherme da Trindade Curado.

FOTOGRAFIA 6 – LUA CHEIA NO MORRO DOS PIRENEUS



Fonte: Acervo pessoal de João Guilherme da Trindade Curado.

Partindo da alusão aos três picos de maior proeminência na Serra dos Pireneus, Christóvam escolheu a divindade da Santíssima Trindade como devoção da romaria, sendo estes nomeados por Pico Pai, Pico Filho (Fotografia 7) e Pico Espírito Santo (Fotografia 8). A simbologia comparativa em associar cada um dos três picos a cada pessoa da Trindade segue até os dias atuais, como um dos rituais tradicionais da festa que mantém em continuidade passando pelos filhos, netos e bisnetos do fundador. Todos os anos, para a realização da festa, cada pico é demarcado com bandeiras nas cores azul, vermelha e branca.

Simbolicamente, as cores também apresentam significados nos acontecimentos ritualísticos, em consonância com os preceitos do cristianismo. “[...] o azul é a mais profunda das cores, representando a tranquilidade, a frieza e imensidão celeste” (VEIGA, 2002, p. 137-138). O azul se associa à revelação divina e à espiritualidade; a bandeira desta cor significa o “Pai”, o soberano. A cor vermelha simboliza o sacrifício, porque “o vermelho representa sangue

derramado” (TURNNER, 2013, p. 51). Destarte, o vermelho significa a pessoa do Filho, aquele que viveu no plano terrestre e passou pelo sofrimento dos homens. Por último, a cor branca, que ainda segundo Turner (2013, p. 68), representa a pureza, com a bandeira, então significando o Espírito Santo, que é luz e que se manifesta no Pai e no Filho.

FOTOGRAFIA 7 – PICO PAI E PICO FILHO



Fonte: Acervo pessoal de João Guilherme da Trindade Curado.

FOTOGRAFIA 8 – PICO ESPÍRITO SANTO



Fonte: Acervo pessoal de João Guilherme da Trindade Curado.

Após a criação da romaria, com a celebração das missas no plenilúnio de julho no cume do pico mais elevado da Serra dos Pireneus, utilizando inicialmente, apenas o cruzeiro e o altar improvisado, Christóvam sentiu a necessidade de construir uma capela para honrar a Santíssima Trindade, assim: “o sagrado está no alto da colina, onde abriga o símbolo da devoção” (ROSENDAHL, 2009, p. 48). E numa pedra voltada para o poente, junto a capela, Christóvam esculpiu a frase *Pyreneus de Goyas, tu és pedra e sobre esta pedra ficará a imagem de quem te fez*. A intenção de Christóvam, em esculpir a frase, para fazer alusão a passagem bíblica de Mateus 16,18.

Passado já quase um século do feito de Christóvam, podemos verificar as letras entalhadas na pedra, mas a compreensão da frase, só é possível para os conhecedores da história, pois pelas

ações naturais e antrópicas, visto que esta é bastante exposta no local e sua estrutura serve como caminho ou alocação de pessoas. A rocha tem sido alterada no ambiente.

### **3 CAPELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE E DE NOSSA SENHORA D'ABADIA**

Construída toda em madeira, a capela em honra a Santíssima Trindade foi inaugurada em 1932 (Fotografia 9), durante a ocorrência da sexta missa, celebrada ainda pelo padre Santiago Uchoa. Na mesma ocasião, foram adquiridos os sinos especialmente para o acontecimento da romaria, com a seguinte descrição: “Glória à Santíssima Trindade dos Pireneus brasileiros – 1932” (JAYME; JAIME, 2002, p. 79).

FOTOGRAFIA 9 – INAUGURAÇÃO DA PRIMEIRA CAPELA



Fonte: Acervo da família Oliveira (1932).

Pelo que consta nas memórias escritas sobre Christóvam José de Oliveira e nos relatos de seus descendentes, o devoto era um exímio construtor, deixando a sua contribuição em importantes obras na cidade e nas construções dos Pireneus.

A capela construída em madeira, conforme descrita no tópico um deste artigo e demonstrada na Fotografia 4, não teve longa duração. Em 1935, um forte vendaval arrancou por completo a construção e atirou-a ao longe. “Entretanto, a imagem, precipitada embora de uma altura de 60 metros, de mistura com ferros, sino e madeiras, foi encontrada em perfeito estado” (JAYME; JAIME, 2002, p. 78).

Ainda em 1935, teve início a construção da segunda capela, esta com mais resistência. Feita de alvenaria passou por muitas intempéries, perdurando até 1983 quando foi novamente destruída por um grande incêndio. Neste trágico acontecimento, a bela imagem de madeira que até aí resistiu a infortúnios como fortes tempestades e furtos, também foi completamente incinerada.

Após o incêndio, a base da segunda capela serviu de estrutura para a terceira, que sem a presença de Christóvam foi reconstruída com muito cimento, pedra, ferro e tijolo por iniciativa de seu neto, Pompeu Christovam de Pina<sup>6</sup> e outros devotos.

Com a incineração também da imagem, uma nova foi esculpida na madeira do cedro (*cedrela fissilis*)<sup>7</sup> (Fotografia 10) por Anfilóbio de Alencar Filho.<sup>8</sup> O novo e bonito orago foi conduzido em procissão no dia 15 de julho de 1984 para a ermida nos Pireneus, novamente reestruturada.

Ainda na década de 1980, a segunda imagem foi danificada por vândalos, que dela retiraram o pombo e a cabeça do Filho. Desta forma, a pedido de Pompeu, a imagem foi restaurada (Fotografia 11) por Davi Pereira Farinha.<sup>9</sup> A imagem, atualmente, se encontra no acervo da família Pompeu.

FOTOGRAFIA 10 – IMAGEM ESCULPIDA EM CEDRO



Fonte: Jayme e Jaime (2002, p. 78).

---

<sup>6</sup> Pelas informações da família, após a morte de Christóvam José de Oliveira, a festa foi coordenada pelo seu neto Pompeu Christovam de Pina. Pompeu atuou como festeiro seguidamente do ano de 1969 a 1983. Após esta data, teve início a coordenação da festa com outros festeiros, mas Pompeu atuou no suporte e continuidade da tradição até o ano da sua morte em 2014.

<sup>7</sup> O cedro é uma espécie rara, que ocorre em diversas formações florestais brasileiras e praticamente em toda América tropical. Essa árvore frondosa produz uma das madeiras mais apreciadas no comércio, tanto brasileiro quanto internacional, por ter coloração semelhante ao mogno e, entre as madeiras leves, é uma das que possibilita o uso mais diversificado. Disponível em: <http://www.infobibos.com.br/Artigos/Cedros/Cedros.htm>. Acesso em: 3 fev. 2020.

<sup>8</sup> Conforme Jayme e Jaime (2002), já falecido, era um professor pirenopolino que morava em Goiânia.

<sup>9</sup> Pirenopolino, músico com habilidades em escultura de madeira. Davi também frequenta a Festa do Morro.

FOTOGRAFIA 11 – IMAGEM APÓS RESTAURO



Fonte: Acervo pessoal de Sirlene Alves da Silva.

Com o objetivo de fortalecer a romaria e facilitar momentos de orações para as pessoas mais idosas, que não conseguiam subir até o pico, no início da década de 1930, Christóvam José de Oliveira constrói novamente outra capela aos pés do morro. Esta foi erigida para abrigar o orago de Nossa Senhora D'Abadia (Fotografia 12) doada pelo devoto coronel Chico de Sá,<sup>10</sup> e atualmente, segundo informações de família de Christóvam, se encontra no Museu da Família Pompeu.

FOTOGRAFIA 12 – PRIMEIRA IMAGEM DE NOSSA SENHORA D'ABADIA



Fonte: Acervo da Família Oliveira.

---

<sup>10</sup> Francisco José de Sá (29/01/1861-07/11/1938) foi um abastado comerciante pirenopolino, que muito contribuiu para o desenvolvimento da cidade, grande incentivador das artes e da cultura locais. Disponível em: <https://cidadedepirenopolis.blogspot.com/2011/12/chico-de-sa.html>. Acesso em: 3 nov. 2019.

Com grande difusão das festas marianas pelo Brasil, as festas que prestam homenagem a Nossa Senhora em Goiás também tem grande proporção. Através dos estudos da pesquisadora Maria Idelma Vieira D'Abadia, podemos confirmar a relevância de Nossa Senhora D'Abadia como padroeira de vários municípios goianos. A pesquisadora aponta que “nesse universo de opção do padroeiro, alguns fatores podem ter influenciado as escolhas desses santos” (D'ABADIA, 2014, p. 102). Ela aponta que “Nossa Senhora D'Abadia, historicamente, exerceu importante influência como padroeira entre os sertanejos goianos” (D'ABADIA, 2014, p. 107).

A intercessão de Nossa Senhora, para o livramento da morte, do sofrimento e do perdão dos pecados, na concepção sagrada da mãe do filho de Deus, sempre fez parte do imaginário de fiéis católicos. Sobre o assunto, discorre Brandão:

Resulta estranho compreender como na espiritualidade do *catolicismo popular brasileiro* fundem-se a inocência quase profana de tantos ritos revestidos de cores, festa e euforia e um imaginário da vida pensado sobre o sofrimento, o pecado e a morte. [...] nas várias figuras da “Virgem Maria” a piedade popular acentua mais o seu sofrimento de mãe do que o seu poder de santa mãe de Deus. [...] Religiosidade de súplica e temor diante da dor, do perigo e da morte, o *catolicismo popular* acentua nos próprios seres sagrados o drama da morte para fazer a sua espiritualidade girar também à sua volta ( BRANDÃO, 2009, p. 72-73, grifos do autor).

Construir uma capela para Nossa Senhora na Serra dos Pireneus, além do intuito de reforçar a participação dos romeiros e devotos, o fortalecimento do catolicismo também parece evidente, pois como destaca ainda D'Abadia (2014, p. 109) “nos últimos trinta anos, ocorreu um aumento significativo na população goiana que se proclama evangélica em seus mais variados seguimentos”. Atualmente, no altar desta capela (Fotografia 13), é encontrada entre as imagens<sup>11</sup> dos arcanjos Miguel e Gabriel, o orago de Nossa Senhora D'Abadia, adquirida com a finalidade de permanecer no local.

---

<sup>11</sup> Estas, junto à imagem de Nossa Senhora D'Abadia, foram encomendadas por Oona Yasmina de Oliveira e João Pedro de Oliveira Gomes, neta e bisneto de Christóvam de Oliveira. Oona foi festeira do ano de 2016.



Fonte: Acervo pessoal de Sirlene Alves da Silva.

Talvez pelo fato de se localizar na base do morro e não no topo, com o acesso mais facilitado, a Capela de Nossa Senhora D'Abadia é o local onde os romeiros mais se estabelecem nas ritualidades festivas. Ao final das missas e dos terços, é comum ouvirmos o viva como saudação. Assim, ouve-se o viva para a Santíssima Trindade, o viva para o Divino Pai Eterno, o viva para Nossa Senhora D'Abadia e o viva para o santo do dia.

Compreendemos, assim, a criação da romaria dos Pireneus sob o aspecto da simbologia, com a associação da fé e a caracterização geográfica dos três picos ali proeminentes. A devoção de Christóvam, atrelada ao sentimento de pertencimento e o encantamento manifestado pelos Pireneus, demonstram o significado da criação da festa. A persistência e o cuidado na edificação da capela no alto do pico e da capela ao sopé, a demarcação simbólica no espaço e a construção da estrada reforçam os atributos que tornam a romaria uma tradição.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao aprofundarmos no objetivo norteador acerca da simbologia através do sagrado no que tange o estudo sobre lugares altos, analisamos então as dimensões percebidas no espaço do morro dos Pireneus. Nesse sentido, essa investigação abordou reflexões em que o espaço sagrado abrange o ponto mais elevado do morro, situando-se ali as capelas e demais pontos em que a religiosidade se expressa.

Inferimos que os picos e montes são, indubitavelmente, monumentos de simbologia, visto que na crença sempre houve uma relação estreita com os lugares altos. Trechos bíblicos evidenciam a associação da fé cristã aos montes e montanhas. Destacamos três. Primeiro: “Moisés disse a Iahweh: o povo não poderá subir à montanha do Sinai, porque tu nos advertiste, dizendo: delimita a montanha e declara-a sagrada.” (Êx 19,23). Segundo: “Enquanto o levavam para fora, ele disse: salva-te, pela tua vida! Não olhes para trás de ti nem te detenhas em nenhum lugar da

planície; fuge para a montanha, para não pereceres!” (Gn 19,17). Por fim: “E disse-lhes: ide à montanha para que os vossos perseguidores não vos encontrem. Escondei-vos lá durante três dias, até que voltem aqueles que vos perseguem, e depois segui o vosso caminho.” (Js 2,16). Além das inúmeras menções aos montes e montanhas, ainda há a associação da presença do Espírito Santo no ambiente, considerando os sermões que o próprio Cristo executava nas montanhas. Na mesma perspectiva, Rosa (2007) traz a reflexão acerca do lugar e da aproximação com o divino:

O homem religioso necessita consagrar alguns espaços para manifestar sua fé e devoção, sentir-se mais perto de Deus, unir-se ao seu santo protetor, conviver com o sagrado e, de alguma forma, conseguir suportar as dificuldades encontradas na sua vida diária; um local onde ele possa renovar a sua fé, buscar aproximação com o divino, rezar, penitenciar-se, organizar festas, celebrações, ritos, homenagens entre tantas outras atividades que marcam a vivência e experiência das pessoas nos lugares sagrados (ROSA, 2007, p. 100).

Destarte, ao compararmos textos bíblicos, observamos que as metáforas nela contidas remetem à relação de simbologias entre os montes mais altos e à aproximação do homem ao sagrado, haja vista que ao localizar-se em um pico, bem como encontrar-se frente à capela ali construída, reforçam a ideia de um lugar propício à conexão com o divino, pois analogicamente se encontra mais próximo do céu, e por conseguinte, mais próximo de suas santidades. Ademais, o Morro dos Pireneus, com seus três picos imponentes no ponto mais alto da cidade, traz a alusão à Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo.

Verificamos na romaria em louvor à Santíssima Trindade dos Pireneus a perpetuação de uma tradição que soma mais de nove décadas de devoção e, a partir dela, o Morro dos Pireneus se transporta ao lugar sagrado repleto de valor simbólico. A subida dos romeiros rumo ao morro permitiu compreender então a procura dos fiéis pelo perdão, pelo agradecimento, pelo alcance de uma graça, e principalmente pela devoção às santidades em questão. Diante disso, observamos que a manifestação do sagrado se estabelece na conexão entre o devoto e o espaço festivo e concluímos que a romaria em direção a lugares altos, manifesta o sacrifício do devoto e revela a fé no transcendente, o que se exprime nas diversas simbologias. ✨

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria das Graças Ferreira de. **Pequenas romarias para pequenos santos: um estudo sociográfico do Dia de Finados**. 2009, 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

BÍBLIA de Jerusalém. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e benção: espiritualidades religiosas no Brasil**. Aparecida: Santuário, 2009.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. Quotidiano e religiosidade: resignificação de práticas romeiras a partir estudo de caso no Nordeste brasileiro. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 5., 2008, Lisboa. Anais... Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da

Universidade Nova de Lisboa, 2008. Disponível em: <https://associacaoportuguesasociologia.pt/vicongresso/pdfs/184.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2020.

D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. **Diversidade e identidade religiosa: uma leitura especial dos padroeiros e seus festejos em Muquém, Abadiânia e Trindade-GO.** Jundiá: Paco Editorial, 2014.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaio e simbolismo mágico-religioso.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JAYME, Jarbas. **Famílias pirenopolinas.** Goiânia: UFG, 1973. v. 2.

JAYME, Jarbas; JAIME, José Sisenando. **Casa de Deus, casa dos mortos.** Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, 2002. v. 1.

O CRUZEIRO. Os primeiros exploradores do Planalto Central. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, p. 40-45, maio 1949.

ROSA, Wedmo Teixeira. **As implicações sócio-espaciais das romarias no espaço urbano e regional de Milagres – BA.** 2007, 215 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e sua dimensão espacial. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Olhares geográficos: modo de ver e viver o espaço.** Rio de Janeiro: UERJ, 2012. p. 73-99.

SILVA, Sirlene Alves da. **Sob a luz do luar: natureza e religiosidade na Festa do Morro dos Pireneus/Pirenópolis-GO (1927-2019).** 2020, 154 f. Dissertação (Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado) – Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2020.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

VEIGA, Felipe Berocan. **A Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, Goiás: polaridades simbólicas em torno de um rito.** 2002, 220 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

Recebido em: 31/07/2023.

Aceito em: 14/11/2023.